


ENTENDA PORQUE A REFORMA TRIBUTÁRIA SÓ BENEFICIA OS RICOS

Governo Lula aumenta isenção aos grandes empresários, banqueiros e ao agro, à custa de mais impostos à classe trabalhadora e à classe média

Páginas 08 a 10



- Apoiado pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Febraban (Federação Brasileira de Bancos), agronegócio e mineradoras
- Estabelece “regimes específicos” de tributação para bancos, construtoras, planos de saúde e hotéis
- Reduz impostos da saúde e educação privadas, isentando completamente as instituições ligadas ao Prouni
- Não mexe na estrutura tributária regressiva que faz com que só assalariados e pobres paguem impostos
- Isenta exportações e insumos ao agronegócio, inclusive agrotóxicos
- Extingue impostos ao longo da cadeia produtiva e joga tudo para o consumidor final, penalizando os mais pobres

JUVENTUDE

Um primeiro balanço do Congresso da UNE

Páginas 12 e 13

MEIO AMBIENTE

O calor extremo e o capitalismo

Página 5

HOMENAGEM

Zé Celso, revolucionário e rebelde

Página 14



CHARGE



“A deputada [Érika Hilton/PSOL] está oferecendo serviços”



Deputado bolsonarista (PL-MT), em ataque transfóbico e misógino contra a parlamentar, uma mulher transgênero, durante sessão da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), no último dia 11.



PRÓXIMO LANÇAMENTO

“O texto das teses resgata a compreensão marxista sobre a questão das opressões e sua relação com a relação de exploração, isto é, entre as classes sociais, relação fundamental na qual se assenta esse sistema de exploração e opressão, o sistema capitalista.”

EDITORA **sundermann**

www.editorasundermann.com.br

RAÇA & CLASSE

Dez anos sem Amarildo!

Depois de comover o Brasil, em 2013, o desaparecimento do pedreiro Amarildo de Souza completou dez anos, no último dia 14. Uma década após o desaparecimento e assassinato, por obra de PMs, na Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, segue a luta para localizar os restos mortais do pedreiro. Até hoje, sua esposa e seus seis filhos aguardam indenizações por parte do Estado. O caso chegou a ganhar repercussão internacional e a frase ‘Onde está Amarildo?’ arrastou várias manifestações cobrando respostas das autoridades. A justiça condenou 12 dos 25 envolvidos na ação, por tortura, desaparecimento e morte de Amarildo. Contudo, nenhum deles



está preso. Esse caso bárbaro mostra como a PM atua nas periferias, com sequestros, torturas, assassinatos, corpos ocultados e provas forjadas.

É preciso levar à frente a luta pela desmilitarização da PM, esse entulho autoritário que mata particularmente negros e pobres.

INTERNACIONAL

Cuba: LIT-QI lançará livro sobre o “11J – 2021”

Há dois anos, em 11 de julho de 2021, o povo cubano saiu às ruas para protestar por direitos básicos, inclusive o de se manifestar. Hoje, seguem perseguidos, em pior situação econômica e social, e com muitas pessoas presas por terem ido às ruas. Essas pessoas estão cumprindo condenações duríssimas, de até duas décadas. Cuba sempre esteve presente na história e no imaginário da esquerda latino-americana. Hoje, para seguir com a luta daqueles e daquelas que derubaram um regime opressor e a colonização imposta pelos EUA, temos que apoiar



as manifestações por justiça e liberdade das pessoas em Cuba e, também, suas lutas contra a ditadura capitalista de Díaz-Canel. Para dar voz a essas pessoas, em breve, a

Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), lançará o livro ‘Cuba 11J: Perspectivas contra-hegemônicas sobre os protestos sociais’.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



É preciso construir uma oposição de esquerda e socialista ao governo Lula

O governo Lula vem aprovando medidas que atendem aos interesses da burguesia e dos grandes grupos capitalistas. O Arcabouço Fiscal já está quase aprovado e vai retirar verbas da Educação e da Saúde, para garantir a remuneração dos banqueiros.

Agora, o governo está tentando impor a Reforma Tributária, no Congresso Nacional, que irá aprofundar a injustiça tributária, na qual os trabalhadores e trabalhadoras pagam muito mais impostos do que os ricos e as grandes empresas.

Junto com isso, o governo vem distribuindo isenções, benefícios e incentivos para os grandes empresários, pagos evidentemente com dinheiro público.

Foram mais de R\$ 250 bilhões no Plano Safra, só para as grandes empresas do agronegócio, que, é bom constar, pagam pouquíssimos impostos no Brasil. No ano de 2019, de toda a exportação do agro, foram pagos apenas R\$ 16 mil em impostos. Só para as montadoras, no plano mais recente do carro popular, foram liberados R\$ 800 milhões, para aquecer as vendas e engordar os bolsos dos donos destas empresas.

O governo também tem anunciado uma série de parcerias público-privadas, assim como a possibilidade de novas privatizações e concessões. E segue buscando “atrair investimento”; ou seja, vender o Brasil lá fora, para as multinacionais virem com toda sorte de “atrativos”, pagar um salário de miséria e ter muito lucro, sem nenhuma contrapartida para o povo.

Tampouco o governo tem feito algo para reverter as privatizações feitas por Bolsonaro, ou revogar as reformas Trabalhista e da Previdência de Temer. Assim como não revoga a Reforma do Ensino Médio, que destrói a Educação pública.

GOVERNANDO COM E PARA A BURGUESIA

Os defensores do governo dizem que ele está fazendo tudo que pode, dada as condições no Congresso. Mas não

é verdade. Afinal, não é que o governo esteja apresentando medidas de interesses dos trabalhadores e o Congresso Nacional as esteja barrando.

Não! É o próprio governo Lula que faz as medidas ao sabor da burguesia. E, justamente por isso, tem sido elogiado pelos banqueiros e grandes empresários. O governo Lula, além disso, vem entregando bilhões ao Centrão, a uma velocidade recorde, para comprar apoio para os seus projetos.

E mais: vem costurando um grande acordo com Arthur Lira (Progressistas), o Presidente da Câmara dos Deputados, para o trazer cada vez mais próximo ao núcleo do governo. Além disso, já colocou vários ministérios nas mãos da direita, como o União Brasil, e demais partidos que estavam com Bolsonaro até ontem.

Enquanto isso, Lula e o PT seguem confiando cegamente que a Justiça, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ou o Supremo Tribunal Federal (STF) darão um jeito para conter a ultradireita. Só que, ao governar com a burguesia, administrando essa brutal desigualdade social, e sem enfrentar os interesses dos capitalistas, não resta outro caminho ao governo que não seja um desgaste, ali na frente, como já aconteceu lá atrás.

Em suma, ao se aliar à direita e fazer um governo da burguesia, Lula e o PT, ao contrário de enfrentar o bolsonarismo e a ultradireita, estão dando munição para eles.

PARA DERROTAR A ULTRADIREITA TAMBÉM É PRECISO ENFRENTAR O GOVERNO

Muitos companheiros e companheiras têm discordado da nossa avaliação, dizendo que estamos focando muito no governo Lula e nos esquecendo da luta contra a ultradireita.

Diante disto, só há uma resposta: Estamos convictos de que precisamos fazer todo o possível para enterrar, de uma vez por todas, a ultradireita. O problema é que não há como fazer isso confiando, defendendo e apoiando um governo capitalista, que diz



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Q11WRC](https://bit.ly/3Q11WRC)

que defende os trabalhadores, mas que faz tudo o que interessa à burguesia.

Somos contra a ultradireita justamente porque sua política é impor uma grande derrota sobre a classe trabalhadora e tirar o nosso couro em nome dos interesses dos capitalistas. Então, não faz sentido algum, em nome da luta contra a ultradireita, apoiar um governo que, ainda que sob formas diferentes, governa para garantir os mesmos interesses da burguesia.

Não se pode ter uma política de esquerda coerente se ela é omissa quanto ao governo de plantão, pois este mesmíssimo governo é o principal garantidor e implementador das vontades da burguesia.

NÃO É POSSÍVEL FICAR COMO REFÉM DE DOIS BLOCOS BURGUESES

Vivemos uma situação no país na qual parece que só existe a situação (apoio ao governo) ou a oposição (direita bolsonarista). O problema é que esses dois setores têm projetos capitalistas e em defesa de setores da burguesia.

Infelizmente, não há, no Congresso Nacional ou dentre as maiores organizações de es-

querda no Brasil, nenhuma posição coerente de independência em relação ao governo Lula, se contrapondo tanto ao governo capitalista do PT quanto à oposição de direita bolsonarista.

Hoje, o maior risco para os trabalhadores é ficar refém desses dois blocos, acreditando que a saída para os problemas em suas vidas passa por um ou por outro. Isto significa preparar o terreno não só para endossar os ataques aos trabalhadores, que o atual governo faz; mas, também, preparar o terreno para a volta da ultradireita.

Por isso dizemos que, atualmente, uma tarefa urgente é construirmos uma oposição de esquerda e socialista no Brasil.

CONSTRUIR UMA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA E SOCIALISTA

Há setores na esquerda que dizem abertamente que são governistas. Mas, há alguns que apenas não dizem nada. Não há como ter uma posição híbrida neste debate. É preciso definir se é situação ou oposição.

Nestes marcos, dizemos “oposição de esquerda”, justamente para deixar bem explícito que não temos acordo algum com a política defendida pela di-

reita bolsonarista. Criticamos e lutamos contra as medidas do governo desde um ponto de vista completamente antagônico ao da ultradireita.

A tarefa central desta oposição é explicar, pacientemente, aos trabalhadores o caráter, o que defende e o papel nefasto que cumpre o governo Lula. Assim como lutar contra os ataques, como o Arcabouço Fiscal e o Marco Temporal.

Mas, também, ser uma oposição que tenha capacidade para, desde aí, seguir o combate implacável contra o bolsonarismo, não confiando que as instituições do regime burguês possam dar cabo de uma chaga inerente ao capitalismo. Só os trabalhadores mobilizados, organizados e com um programa socialista, podem levar até o fim esta tarefa.

Ser oposição de esquerda e socialista, hoje, é preparar os trabalhadores para construir um projeto de país que, de fato, atenda às necessidades da classe operária. Só assim é possível construir uma verdadeira alternativa à atual polarização política, que é bastante limitada devido à composição de classe dos dois blocos que estão disputando entre si.

GRANDE RECIFE

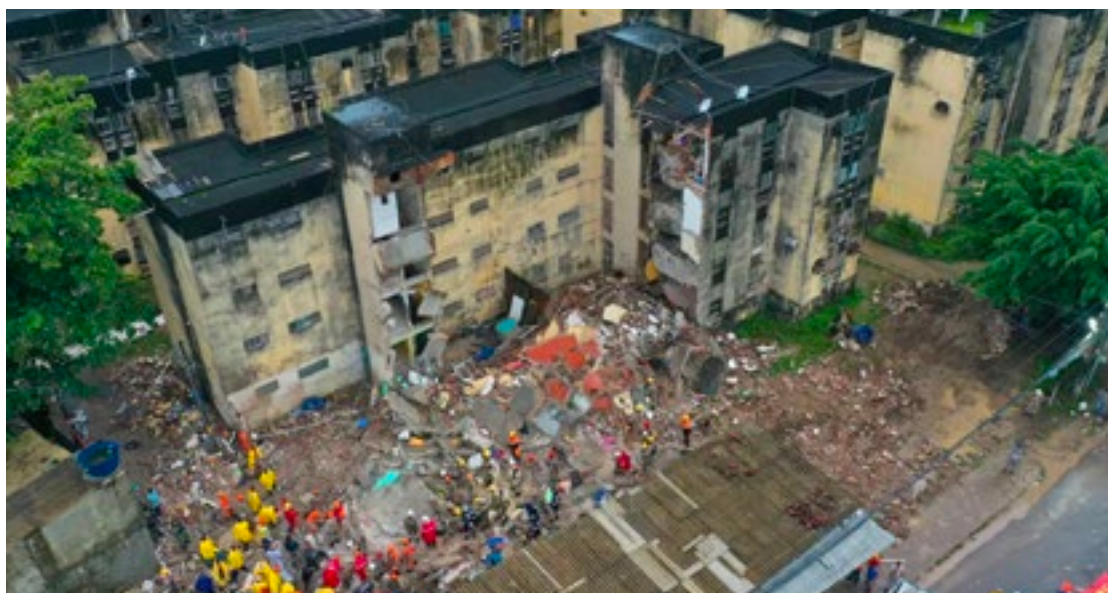
Desabamento revela as precárias condições de moradia do povo trabalhador

**BRUNO OTONI,
DE RECIFE (PE)**

O desabamento do prédio do Conjunto Beira-Mar, em Paulista, cidade da Região Metropolitana de Recife, no último dia 7, teve como consequência a morte de 14 pessoas, sete feridos e a destruição das vidas de muitos moradores do condomínio residencial.

Após a tragédia, a Defesa Civil classificou 18 blocos do conjunto com risco de desabamento, o que obrigou os moradores a saírem às pressas, sem ter para onde ir com suas famílias.

O Conjunto Beira-Mar tem 1.711 apartamentos, divididos em 37 prédios, dos quais 29 são do tipo “prédio-caixão”, como era o que desabou. Esse tipo de construção foi feito pelas imobiliárias durante a década de 1970, com material inadequado e pouco resistente, para baratear os custos e gerar lucros aos empresários da construção civil.



TRAGÉDIA ANUNCIADA E FREQUENTE

Segundo o Instituto de Tecnologia de Pernambuco (Itep), há 5,3 mil prédios do tipo “caixão” construídos nas cidades de Recife, Jaboatão, Olinda e Paulista. Desse total, cerca de mil são considerados de alto risco de desabamento. É uma tragédia anunciada. Desde a década de 1990, 17 prédios lo-

calizados na região da capital pernambucana já caíram.

De acordo com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), considerando-se o número de pessoas afetadas, Recife é a quinta cidade mais impactada pelas enxurradas e deslizamentos de terras. São 207 mil habitantes vivendo em áreas de risco, o que significa 13,4% da população.

Outro agravante é o fato de que Pernambuco tem um dos maiores déficits habitacionais do Brasil: 326 mil moradias, segundo dados da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc). É por isso que muitas pessoas estão ocupando 338 imóveis abandonados em Paulista, Olinda, Recife e Jaboatão. Mesmo com o risco de desabamento.

QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS PELO DESABAMENTO?

A prefeitura de Paulista está jogando a responsabilidade das mortes para a seguradora SulAmérica. A seguradora jogou a culpa para a Caixa Econômica Federal, por ela ser detentora do fundo habitacional. É um jogo de empurra-empurra, onde todos sabiam dos riscos aos quais os moradores do Conjunto Beira-Mar estavam submetidos.

A governadora Raquel Lyra (PSDB) sequer se pronunciou ou apresentou qualquer ação para ajudar as pessoas que perderam parentes e as casas onde moravam.

Todas as esferas de poder – municipais, estadual e federal – e as construtoras são responsáveis por essa tragédia. Todos são responsáveis por negar à classe trabalhadora um direito básico que é o direito à moradia, e que foi transformado em mercadoria pelo capitalismo.

Por isso, enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito!

NÃO RESOLVE

‘Minha casa, Minha vida’ do governo Lula não resolve moradia



O governo fez uma grande cerimônia de relançamento do programa “Minha casa, Minha Vida”. O presidente afirmou que irá resolver o problema da falta de moradia de milhões de brasileiros, como das pessoas que vivem no Conjunto Beira-Mar. Será que é isso mesmo?

O programa prevê o atendimento de famílias com renda

mensal de R\$ 2.640 até R\$ 8 mil (em áreas urbanas) e de até R\$ 96 mil, ao ano (na zona rural). Com esses valores de renda muitas famílias serão excluídas porque, hoje, há milhões de trabalhadores que ganham em média 1,5 salário mínimo, sem falar nos milhões que estão na informalidade, ou seja, sem carteira assinada e sem

salário. São exatamente esses que moram nas ruas ou vivem em áreas de riscos.

O “Minha casa, Minha Vida” deveria ser voltado a quem não tem casa para morar e para pessoas que moram em áreas de riscos. Segundo estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2019, o déficit habitacional brasileiro era de quase 5,9 milhões de casas. O Cemaden aponta que, no Brasil, existem mais de 8,2 milhões de pessoas vivendo em áreas de risco.

Contudo, o programa não está voltado aos mais necessitados. Seu objetivo não é garantir o direito à moradia, mas seguir garantindo o lucro dos bancos e das empreiteiras. Tanto é assim que Lula tirou a exclusividade de crédito da Caixa Econômica e abriu o financiamento para os bancos privados.

SAÍDA

O que defendemos

É preciso que a prefeitura de Paulista, a SulAmérica Seguros, a Caixa Econômica e o governo de Raquel Lyra adotem medidas urgentes, como a garantia de um auxílio-moradia, no valor do salário mínimo, a cada morador que deixou sua casa por risco de desabamento.

É necessário indenizar as famílias que tiveram os imóveis destruídos ou interditados, e perderam parentes. Exigimos do governo Lula, do governo de Raquel Lyra e das prefeituras da Região Metropolitana de Recife a desapropriação dos imóveis vazios que servem à especulação imobiliária.

Temos que por um fim nas farras das isenções às grandes construtoras. O Estado, como balcão de negócios da burguesia, garante a elas todo tipo de apoio logístico e incen-

tivos fiscais, para que sigam lucrando às custas da miséria do povo pobre e trabalhador.

Lula tem que parar de criar programas que não resolvem o problema da moradia. Chega de falsas promessas. Para garantir moradia a quem necessita é preciso aplicar um plano de obras públicas, para construção de moradias populares de qualidade, que além de zerar o déficit habitacional, também irá gerar empregos.

Para garantir o direito à moradia, a classe trabalhadora tem que estar mobilizada e confiar apenas nas suas lutas, independente dos governos, para garantir a todos as medidas imediatas e necessárias para acabar com tragédias como essas que estamos vivenciando na Região Metropolitana de Recife.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DT49FH](https://bit.ly/3DT49FH)

AQUECIMENTO GLOBAL

O calor extremo e o capitalismo

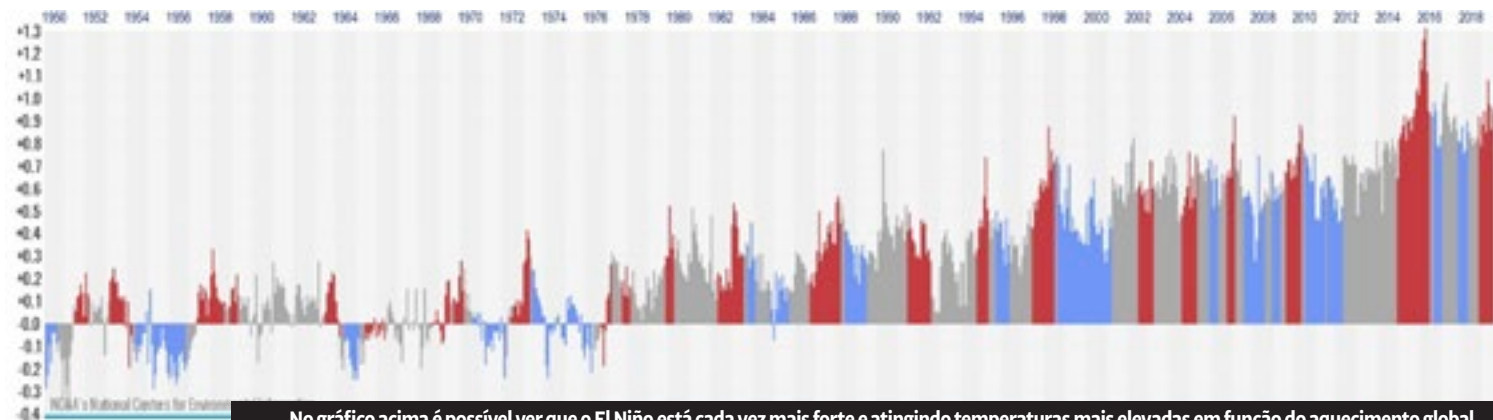
JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Em várias partes do mundo estão sendo registradas grandes ondas de calor e temperaturas recordes. No estado do Texas, nos Estados Unidos, a temperatura chegou a 50°C. Mas o calor também se alastra pelos estados da Louisiana, Mississippi, Alabama e Flórida.

A onda extrema de calor coloca em risco particularmente os idosos, trabalhadores do setor de construção, carteiros, entregadores e pessoas sem-teto.

“Este é um calor mortal, especialmente para pessoas pobres e da classe trabalhadora. Trabalhadores rurais e diaristas precisam trabalhar ao ar livre, apenas para sobreviver, mas correm o risco de insolação, sob as condições opressivas”, explica uma matéria do Worker’s Voices/La Voz de los Trabajadores, organização norte-americana simpatizante da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI).

Diante disto, sindicatos e organizações dos movimentos sociais estão exigindo medidas para assegurar a proteção dos trabalhadores e trabalha-



No gráfico acima é possível ver que o El Niño está cada vez mais forte e atingindo temperaturas mais elevadas em função do aquecimento global.

doras, como a suspensão do trabalho em dias de extremo calor e a instalação de aparelhos de ar condicionado.

TEMPERATURAS ELEVADAS AO REDOR DO PLANETA

O norte dos Estados Unidos também tem sido afetado pela fumaça dos incêndios florestais no Canadá, onde mais de 80 mil km² de floresta queimaram, o que representa uma área 50 vezes maior que a cidade de São Paulo.

Cientistas alertam que as temperaturas podem subir ainda mais, a partir do dia 18 de julho. Um alerta foi disparado para a Grécia, Itália e Espanha, juntamente com Marrocos e outros países do Mediterrâneo que têm enfrentado um calor arrebatador. No último dia 16, o Aeroporto In-

ternacional do Golfo Pérsico, no Irã, registrou uma temperatura de 66,7°C.

Há várias semanas, regiões da China, incluindo a capital Pequim, também têm sofrido com o calor intenso combinado com fortes chuvas. No último dia 16, o país chegou a registrar 52°C. No Japão, a agência meteorológica recomendou medidas de precaução à população durante os próximos dias, quando as temperaturas podem chegar a 40°C.

BRASIL: CHUVAS E CICLONE

No Brasil, na semana passada, um ciclone extratropical deixou mais de 1 milhão de moradores da região Sul sem energia elétrica. Com ventos de aproximadamente 140 km/h, o ciclone tinha a forma de um furacão F1 – a mais baixa da

escala. Desde o início de 2023, três ciclones atingiram o Sul, deixando 19 pessoas mortas. Além do ciclone, na semana passada chuvas torrenciais desabrigaram 27 mil habitantes de Alagoas e Pernambuco.

A SEMANA MAIS QUENTE DA HISTÓRIA

Isso tudo está ocorrendo quando o planeta Terra registrou a semana mais quente que se tem notícia. Com a temperatura média global em 17,23°C, o dia 6 de julho foi o mais quente já documentado, segundo os dados do Centro Nacional de Previsão Ambiental dos Estados Unidos, ligado à Administração Oceânica e Atmosférica (Noaa, na sigla em inglês).

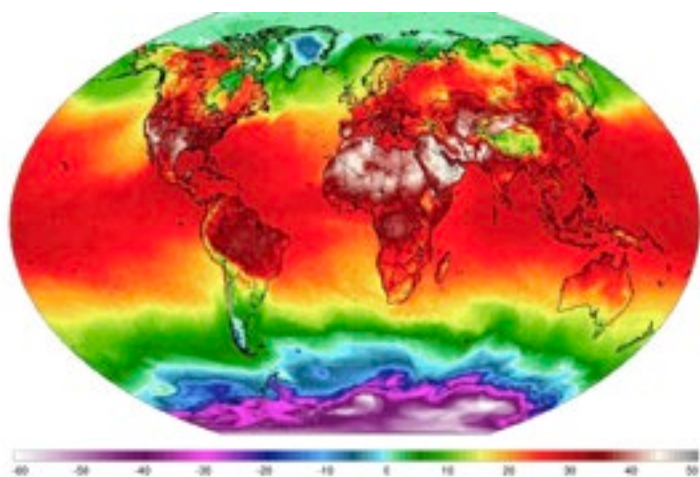
De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), o calor extremo é um

dos eventos meteorológicos mais mortais. No verão do ano passado, apenas na Europa, as fortes temperaturas provocaram mais de 60 mil mortes, segundo uma pesquisa divulgada na revista “Nature Medicine”, especializada em questões médicas.

Mesmo em meio ao inverno do Hemisfério Sul, o calor mais intenso fez com que, na Antártida, o gelo marinho atingisse sua menor extensão em um mês de junho, ficando 17% abaixo da média. O calor no continente gelado pode acelerar o derretimento do “Glacial Thwaites”, uma geleira que tem o tamanho do Paraná, o que pode elevar em quase um metro o nível dos oceanos e, ainda, desencadear um efeito cascata de derretimento de outras enormes geleiras antárticas.

COLAPSO AMBIENTAL

Ou o socialismo ou a catástrofe climática



Nos primeiros dias de julho foram registrados incêndios na Grécia, Acrópole fechada por conta do calor, pobres sem ar-condicionado morrendo no Texas, 52°C na China, Califórnia com 53,3°C e aeroporto do Golfo Pérsico com 67°C.

É bastante plausível que alguns dos fenômenos descritos estejam correlacionados com o início do El Niño (alterações na temperatura da

superfície da água do Oceano Pacífico), e apresentam características que incluem o aumento da temperatura global, assim como alterações nos

padrões de chuva e seca em todo o mundo.

Mas, embora o El Niño seja um fenômeno natural que ocorre há milhares de anos, é bem evidente que ele tem se tornado cada vez mais intenso e frequente em função do aquecimento do clima, ocasionado pelo consumo de combustíveis fósseis. Basta verificar o gráfico ao lado para ver que os últimos El Niño foram os mais quentes já registrados.

Por isso, cientistas já dizem que o atual El Niño (que ainda nem mostrou toda sua força) poderá fazer com que a temperatura média global ultrapasse o limite de 1,5°C a mais do que no período pré-industrial

(1860), o que provocaria imensos riscos à saúde, à alimentação e à sobrevivência de muitas espécies. É preciso lembrar que a temperatura já aumentou 1,1°C desde esse período.

É PRECISO REVOLUCIONAR E SOCIALIZAR AS FORÇAS PRODUTIVAS

Em sua sanha por lucro, o capitalismo provocou o aquecimento global e a destruição dos ecossistemas. A falência dos acordos climáticos mostram que o sistema não pode resolver a crise que provocou e sequer poderá garantir alguma transição energética para evitar que a temperatura do planeta cruze o limite de 1,5°C.

Apenas uma sociedade socialista pode planejar democraticamente a transição energética, começando com a nacionalização de todas as fontes, inclusive das matrizes fósseis, que devem passar ao controle dos trabalhadores.

Somente no socialismo é possível revolucionar as forças produtivas e possibilitar o desenvolvimento de novas fontes de energia renováveis, em substituição à matriz fóssil. Sem romper o ciclo expansionista da acumulação e usar bens comuns como meios de atender às necessidades coletivas da sociedade, a civilização caminhará para a catástrofe.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3K2OQPH](https://bit.ly/3K2OQPH)

POUCA VERGONHA

“PEC da Anistia” é ataque às mulheres e aos negros



ÉRIKA ANDREASSY,
PELA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

Imagine uma lei que obrigue os partidos políticos a destinarem parte do dinheiro público que recebem à promoção da participação de mulheres na política e ao financiamento de candidaturas femininas e negras. Imagine, ainda, que o percentual destinado deve ser proporcional ao número de candidatas

mulheres (respeitando o patamar mínimo de 30%) e de pessoas negras. Sem dúvida uma conquista e um avanço na luta pela igualdade de representação desses estratos sociais, certo?

Nem tanto assim! A obrigatoriedade está prevista na Constituição, a mais importante legislação brasileira; con-

tudo, ocorre que não só é sistematicamente desrespeitada, como seu mais recente descumprimento está prestes a ser perdoado pelo Congresso, não sem a ajuda do líder do governo Lula na Câmara, o deputado José Guimarães (PT-CE); e o da oposição bolsonarista e de direita, o deputado Carlos Jordy (PL-RJ).

ATAQUE AOS DIREITOS DAS MULHERES E NEGROS

Nas eleições de 2022, cerca de R\$ 880 milhões deixaram de ser repassados pelos partidos às candidaturas negras e femininas. O PSTU foi um dos dois únicos partidos que repassou corretamente os valores, juntamente com a União Popular.

Contudo, a Proposta de Emenda Constitucional 9/2023, conhecida como “PEC da Anistia”, quer perdoar os partidos políticos responsáveis. A medida já foi aprovada na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara e deve ser uma das prioridades na volta do recesso parlamentar.

Não é a primeira vez que isso acontece. Em 2022, o Congresso já havia perdoado os partidos pelo descumprimento da cota de gênero em eleições anteriores. Se aprovada, agora, a medida representará a maior

anistia da história dos partidos e mais um ataque aos direitos das mulheres e negros.

SILÊNCIO E CONFIANÇA NO JUDICIÁRIO

Mesmo que o Ministério das Mulheres tenha publicado uma nota afirmando “acompanhar com preocupação” a PEC, e que o da Igualdade Racial a tenha chamado de “retrocesso inadmissível”, nenhuma de suas respectivas ministras, Cida Gonçalves (filhada ao PT) e Anielle Franco, se pronunciaram sobre o assunto.

O ministro dos Direitos Humanos, Silvío Almeida, se limitou a dizer que o projeto passa um recado ruim, de que mulheres e negros “são irrelevantes na organização das formas de representação institucional”, e que isso “é danoso para a democracia”. Uma postura pra lá de “acanhada”, principalmente para alguém que, na defesa da chamada tese do “racismo estrutural”, afirma que o principal instrumento no combate às opressões é a conquista de espaços nos locais de poder e prestígio.

A Presidenta Nacional do PT, Gleisi Hoffmann, por sua vez, defendeu o partido das críticas por apoiar a PEC. Já o PSOL recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para tentar barrar o projeto. A ação ju-

dicial, assinada pela deputada Sâmia Bonfim (SP), argumenta que a PEC é inconstitucional. Enquanto isto, a deputada Fernanda Melchionna (PSOL-RS), apresentou sua “anticandidatura” à presidência da Comissão Especial que deve ser criada para analisar a PEC na Câmara.

Ou seja, ao invés de convocar os movimentos para enfrentar o ataque, nas ruas, o PSOL, mais uma vez, opta pela via institucional, alimentando a confiança no judiciário e apelando para ações midiáticas, evitando criticar Lula e o PT, enquanto segue sendo base de apoio do governo no Congresso.

O ministro sorteado para relatar a ação no Supremo é Luís Roberto Barroso, o mesmo que, em setembro passado, suspendeu de forma monocrática (por decisão individual) a implementação do Piso Nacional da Enfermagem e cuja decisão sobre o caso estabelece prazo para as empresas privadas da Saúde negociarem o pagamento do piso; o que, na prática, possibilita fixar, por acordo coletivo, valores diferentes do aprovado. Vale lembrar que a Enfermagem é uma categoria majoritariamente feminina e negra.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Q5UJGD](https://bit.ly/3Q5UJGD)



Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados

Fonte: Agência Câmara de Notícias

DESIGUALDADE

No capitalismo, igualdade formal não assegura a igualdade real



Esse é mais um exemplo de que, no capitalismo, igualdade formal não é sinônimo de igualdade real.

Por um lado, porque as leis são importantes, mas viram letra morta se não são colocadas em prática. Basta observar o percentual de mulheres e negros nas instâncias do regime e veremos o quanto a lei, sozinha, não garante uma verdadeira representação nos

espaços de poder e decisão.

Por outro, porque nesse sistema nossas conquistas são sistematicamente burladas sem consequências e/ou estão sob constantes ameaças, pois, em última instância, a exploração capitalista só pode se concretizar em base à desigualdade de classes existente em uma sociedade onde as opressões, em geral, cumprem um papel funcional, ao

permitir, dentre outras coisas, manter a classe dividida e nos superexplorar.

Isso não significa que devemos renunciar às leis ou nos calarmos diante de ataques. Exatamente por isso, repudiamos veementemente a PEC da Anistia, pois ela significa um enorme retrocesso em nossos direitos e leis como esta são essenciais para fortalecer nossa organização e lutas.

PALESTINA

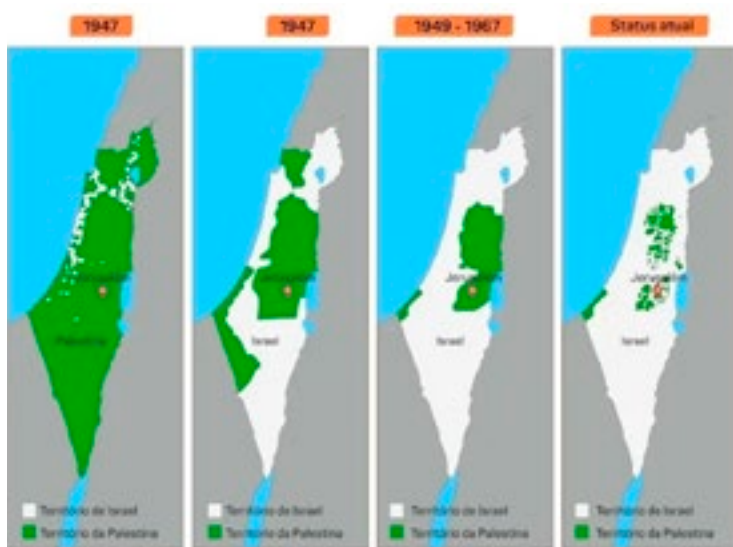
Jenin, símbolo da resistência palestina que não se dobra

SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

No início deste mês de julho um mundo assombrado se deparou com cenas da barbárie israelense no campo de refugiados de Jenin. Em meio aos escombros e ao sangue derramado no campo, o que permanece intacto é o ânimo da resistência.

Ao final de mais esse massacre em Jenin, por terra e ar, foram 12 palestinos mortos e mais de 100 feridos. Jornalistas se viram sob cerco, ambulâncias e médicos eram impedidos de entrar para resgatá-los. Israel disparou gás lacrimogêneo até mesmo dentro do hospital local.

Entre as cenas aterrorizantes, a imagem emblemática da contínua Nakba (catástrofe com a formação do Estado racista de Israel em 15 de maio de 1948 em 78% da Palestina mediante limpeza étnica planejada): cerca de 3 mil palestinos, crianças, jovens, mulheres e homens, sendo expulsos violentamente de suas casas e terras.



O CAMPO

Parte dos refugiados da Nakba de 1948 se tornaria deslocada internamente, abrigando-se no campo de Jenin, criado em 1953 e um dos 19 estabelecidos na Cisjordânia, território palestino ocupado em 1967, pela UNRWA (agência de assistência aos refugiados palestinos).

Entre 1º e 11 de abril de 2002, meses antes da Segunda Intifada (levante popular iniciado em 28 de setembro daquele ano que se seguiria até 2005),

forças de ocupação sionistas promoveram um massacre por terra e ar. O campo foi destruído, vindo a ser reconstruído depois pela UNRWA.

A estimativa oficial é que hoje cerca de 15 mil vivem ali. A vulnerabilidade no campo é grande. Os refugiados palestinos amontoam-se nos seus 0,42km², em condições insalubres e precárias, convivendo com esgoto a céu aberto, falta de água e eletricidade, desemprego e miséria, além

das frequentes e criminosas incursões sionistas.

Durante uma delas, em 11 de maio de 2022, um sniper matou a jornalista da Al Jazeera, Shireen Abu Akleh. Em 26 de janeiro último, Jenin foi atacada mais uma vez: dez palestinos tombaram, outros 20 ficaram feridos. E em 21 de junho, foram oito martirizados e 50 feridos, quando, pela primeira vez desde a Segunda Intifada, Israel recorreu também a ataques aéreos na Cisjordânia. Somente neste ano, são cerca de 200 palestinos assassinados, além de pogroms perpetrados por colonos sionistas. Mas também muita resistência, que protagonizou cenas inusitadas de derrubada de drones, helicópteros israelenses alvejados e tanques cercados.

QUEM É A NOVA RESISTÊNCIA

Por suas próprias condições degradantes, Jenin tem semeado na juventude, que sente que nada tem a perder, nova resistência que se espalha para ou-

tras partes da Palestina. Uma resistência armada, que forma brigadas e se autointitula Toca dos Leões, descrente das lideranças tradicionais.

Essa juventude é reconhecida como os “filhos de Oslo”, que nasceu após os malfadados acordos de Oslo assinados em setembro de 1993 entre a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e Israel, sob intermediação do imperialismo estadunidense.

Vendidos ao mundo como paz gradual na já morta solução de dois estados (em que o Estado palestino viria a ser criado em 22% apenas de seu território histórico, a parte ocupada em 1967), os acordos criaram a gerente da ocupação, Autoridade de Palestina (AP), com cooperação de segurança com Israel e que tem feito o trabalho sujo de reprimir, prender e entregar a resistência a Israel. “Nós precisamos da Autoridade Palestina. Não podemos permitir seu colapso”, afirmou o primeiro-ministro sionista, Benjamin Netanyahu ao canal israelense I24News.

SEM APOIO

Rechaço à Autoridade Palestina

Muitos dos jovens que protagonizam essa nova resistência já passaram pelos cárceres da Autoridade Palestina. Após o novo massacre no início de julho, o posto da gerente de ocupação em Jenin foi apedrejado pelos palestinos e seus representantes, hostilizados, por terem abandonado o campo à própria sorte.

Mahmoud Abbas, presidente da AP, resolveu visitar o campo no último dia 12, depois de 11 anos sem colocar seus pés ali, para tentar reverter o rechaço geral e capitalizar em cima da popularidade da resistência entre a maioria dos palestinos. Não deu certo. Não passou do portão e ficou apenas uma hora no local.

Netanyahu – que enfrenta crise interna e tenta reverter a queda de sua popularidade derramando o sangue palestino – de fato precisa da gerente da ocupa-



ção para avançar na colonização e limpeza étnica. E a AP tem dependência econômica integral de Israel. É uma relação simbiótica. O povo palestino sabe bem disso.

Pesquisa do Centro Palestino para Pesquisa Política e de Opinião divulgada em 26 de junho último indica que-

da na popularidade do Fatah e de Mahmoud Abbas, com 80% exigindo sua renúncia. Cresce também o número dos que creem que a existência da Autoridade Palestina favorece Israel, sendo que metade diz que seu colapso ou dissolução serve aos interesses palestinos.

RESISTÊNCIA



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/43AKVA8](https://bit.ly/43AKVA8)

Intifada à espreita

Segundo a mesma pesquisa, mais de dois terços dos palestinos entrevistados na Cisjordânia e em Gaza acreditam que Israel não celebrará seu centenário e que, no futuro, o povo palestino poderá recuperar a Palestina e os refugiados, retornarem as suas terras. A dita so-

lução de dois estados está cada vez mais em baixa.

Pesquisa anterior, de março último, indica que 78% dos palestinos entrevistados apoiam a resistência armada e 61% esperam a erupção de uma terceira Intifada. Esta segue à espreita e virá, cedo ou tarde. Rumo à Palestina livre, do rio ao mar.

BURGUESIA APLAUDE

Com a Reforma Tributária, trabalhadores e a maioria da população vão pagar mais



**GUILHERME FONSECA,
DE RECIFE (PE)**

A Reforma Tributária, impulsionada pelo governo Lula e aprovada na Câmara dos Deputados, mantém e aprofunda o modelo atual de tributação no país, no qual os impostos sobre o consumo (aqueles que incidem sobre bens e serviços) são a principal fonte de arrecadação e acabam sendo pagos, de forma indireta, pelos trabalhadores e trabalhadoras.

A reforma unifica alguns tributos; mas, ao contrário do que se

fala, aumenta a tributação sobre os bens e serviços para a maioria dos trabalhadores e da população em geral. E como isso acontece?

Como ela beneficiou praticamente todos os grandes grupos econômicos, com renúncia e isenções de impostos, e o governo pretende manter e até aumentar a arrecadação, alguém terá que pagar a conta. E não foi à toa que o grande empresariado, representado pela Febraban (bancos), FIESP (indústrias) e CNA (agronegócio) apoiaram a reforma.

Não foi à toa, também, que a especificação do valor da alíquota

(ou seja, o percentual usado para calcular o valor final de um imposto) do novo imposto ficou para depois e será definido através de uma lei complementar. Este novo imposto se chama IVA (Imposto de Valor Adicionado) e surgiu a partir da unificação de diversos impostos e será composto pelo Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) e pela Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS).

CORTINA DE FUMAÇA PARA ENGANAR TRABALHADORES

Já entre os trabalhadores reina a confusão, pois Lula,

através do Ministro da Fazenda Fernando Haddad e apoiado por toda a base do governo, incluindo PT, PSOL, PCdoB, que foram protagonistas na defesa da reforma, juntamente com o presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressistas), propalaram aos quatro ventos que a reforma vai gerar emprego e desenvolvimento.

Só não dizem, contudo, quem vai pagar a conta. E o fato é que a Reforma Tributária vai aumentar ainda mais os impostos sobre a classe trabalhadora, os mais pobres e a classe média, aliviando

para os ricos, que já pagam muito pouco, quando pagam.

Também vale lembrar que apesar de Bolsonaro ter chamado seus seguidores na Câmara a votarem contra o projeto, muitos de seus deputados afirmaram ser a favor da reforma e só pediram tempo para “discutir mais”, não apresentando argumentos concretos, já que Bolsonaro e seus apoiadores também defendem os ricos e só querem marcar posição, esperando um futuro desgaste do governo. E, mesmo assim, 20 deputados do seu partido, o PL, votaram a favor da PEC.

REGRESSIVO

Imposto sobre consumo recai sobre trabalhadores

O PESO DOS TRIBUTOS NO CONSUMO

IMAGINE QUE UMA DIARISTA E UM GERENTE COMPREM O MESMO MODELO DE TELEFONE CELULAR



Diarista com renda de R\$2.200



Gerente com renda de R\$16.500



O celular custa R\$ 1.000

No preço, estão embutidos R\$ 400 em tributos

FONTE: UNAFISCO

Quando compramos um celular, um pão na padaria ou colocamos gasolina na moto, também pagamos tributos, como, por exemplo, o Imposto sobre Cir-

culação de Mercadoria (ICMS), que é arrecadado pelo governo de cada estado.

Já quando você utiliza um serviço qualquer, como servi-

ço médico ou educacional privado, plano de saúde ou uma oficina, você paga o Imposto Sobre Serviço (ISS), que é um tributo municipal.

Além disso, tributos federais como a Contribuição para a Seguridade Social (Cofins) ou, ainda, o Programa de Integração Social (PIS), incidem sobre a receita

ou o faturamento bruto das empresas, após o processo produtivo, mas são repassados e pagos pelos consumidores.

Por isso, todos eles são considerados tributos sobre o consumo e recaem sobre os trabalhadores e a população mais pobre.

Quando uma diarista ou um gerente compram um celular, por exemplo, eles pagam algo como R\$ 400 só em impostos. O que é importante destacar é que este pagamento é considerado “regressivo”, pois a diarista, que ganha menos, paga mais, proporcionalmente à sua renda, do que é pago pelo gerente.

BRASIL

Campeão em taxar bens e serviços e isentar renda e lucros

Diferente de boa parte dos países do mundo, o Brasil é o que menos arrecada tributos com a renda e os lucros. Já em relação à receita tributária sobre bens e serviços é o contrário, como demonstra o relatório (veja o gráfico), de 2019, da Organização de Cooperação dos Países em Desenvolvimento (OCDE).

Em suma, o Brasil é líder na tributação de impostos sobre bens e serviços, sendo que,

em 2019, os valores arrecadados representaram 15,9% do Produto Interno Bruto (PIB), bem acima da média da OCDE (10,9%). Já no quesito imposto sobre a renda e lucros, a arrecadação no Brasil atinge 5,9% do PIB, ficando bem abaixo da média da OCDE, que é 11,5% do PIB.

Considerando os três tipos de tributos (consumo, propriedade e renda/lucro), os impostos sobre o consumo de bens e serviços são,

de longe, o principal componente dos tributos no Brasil.

Desconsiderando apenas as contribuições sociais, como FGTS e Previdência, os impostos sobre bens e serviços são os que mais arrecadam no país, sendo responsáveis por 56% da arrecadação em 2022 (veja o gráfico). Já os impostos sobre a propriedade corresponderam a apenas 7%, e os impostos sobre a renda, lucros e ganho de capital representaram 37% da arrecadação.

QUEM PAGA OS IMPOSTOS NO BRASIL?

São dados como estes que nos permitem afirmar que são os trabalhadores e trabalhadoras quem pagam a grande maioria dos impostos.

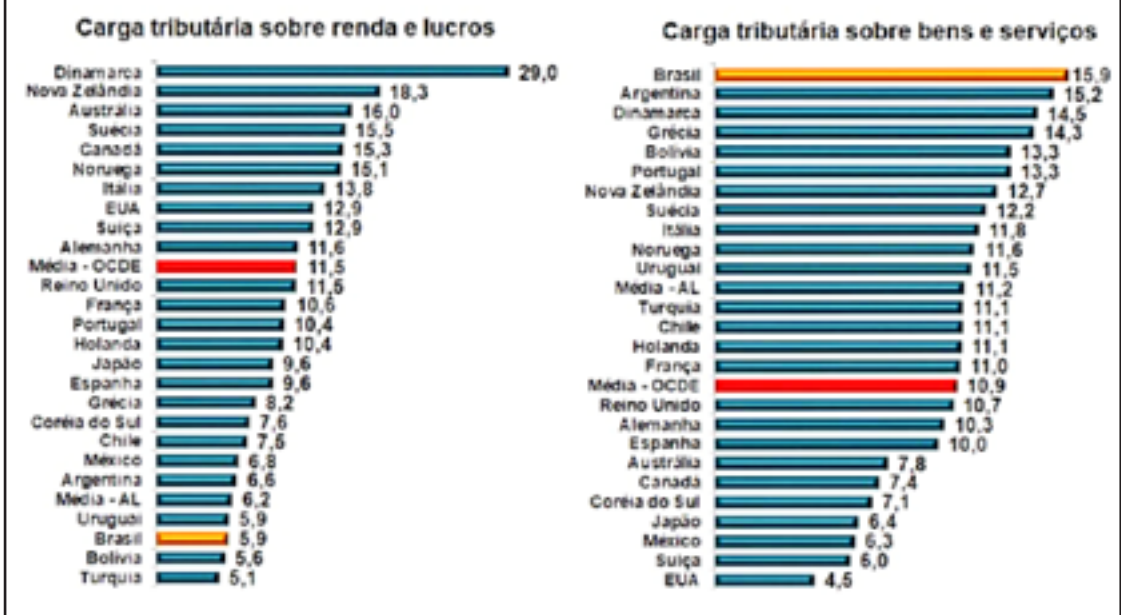
Se considerarmos os R\$1,3 trilhões arrecadados com impostos sobre bens e consumo; os cerca de R\$120 bilhões, de impostos sobre a propriedade; e R\$472 bilhões, sobre o Im-

posto sobre a Renda das Pessoas Físicas (IRPF), temos um total de R\$ 1,9 trilhões, sendo que os trabalhadores e a maioria da população contribuem com cerca de 77% dos impostos no país.

Enquanto isto, os empresários contribuem diretamente com apenas 23% dos impostos. Mas, esses números também escondem outra questão: Quem produz a riqueza?

DIFERENÇA ENTRE IMPOSTOS SOBRE RENDA E BENS/SERVIÇOS NO BRASIL E NO MUNDO

FONTE: OCDE EM 2019 (VALORES EM % DO PIB DE CADA PAÍS)



% PARTICIPAÇÃO DE TIPOS DE IMPOSTO NO BRASIL 2022



FONTE: TESOIROTRANSPARENTE.GOV.BR

SAIBA MAIS

DESTRINCHANDO OS IMPOSTOS

Impostos sobre Bens e Serviços (TOTAL) Em R\$ milhões	1.332.123
Federal	R\$ 483.832
Contribuição para o financiamento da seguridade social - COFINS	R\$ 271.903
PIS	R\$ 58.408
IOF	R\$ 58.989
IPI	R\$ 58.944
Imposto sobre a Importação	R\$ 58.981
Imposto sobre a Exportação	R\$ 53
Estadual	R\$ 722.502
ICMS	R\$ 692.147
Municipal	R\$ 125.789
ISS	R\$ 107.218

Impostos sobre bens e serviços que são os tributos que incidem sobre o consumo e representam R\$ 1,33 trilhões. Com destaque para o ICMS, com R\$ 692,14 bilhões, e para o Cofins, de cerca de R\$ 271,9 bilhões. Já o imposto sobre exportação paga apenas R\$ 53 bilhões, para satisfazer exportadores, em particular os que lidam com commodities, como o agronegócio e as mineradoras. A reforma mantém e aprofunda o não pagamento de impostos sobre exportação de produtos.

IMPOSTO SOBRE RENDA E LUCRO

No que se refere aos impostos sobre a renda, dos R\$ 910,26 bilhões arrecadados, cerca de R\$ 472,83 bilhões (ou seja, 51,94%) são pagos pelos trabalhadores, com o Imposto de Renda de Pessoa Física. Enquanto a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), paga pelas empresas, contribui com apenas R\$ 156,09 bilhões e representa 17,15% dos impostos sobre

Impostos sobre renda, lucros e ganhos de capital	(Em mil Reais)	%
Total	910.263	100%
IRPF	472.833	51,94%
IRPJ	281.264	30,90%
CSLL	156.093	17,15%
Outros impostos sobre a renda, lucros e ganhos de capital	72	0,01%

a renda e lucros. Junto com o IRPJ são um dos poucos impostos que os empresários pagam e, mesmo assim,

pagam menos que os trabalhadores. Ao mesmo tempo, outros impostos, incluindo sobre os ganhos de capital,

são praticamente inexistentes, contribuindo com 0,01% dos impostos sobre a renda e lucros.

IMPOSTO SOBRE PROPRIEDADE

IMPOSTO SOBRE PROPRIEDADE (Em Mil Reais)	
Valor Total	R\$ 165.374
ITR	R\$ 2.594
IPVA	R\$ 63.928
IPTU	R\$ 63.109

Dos R\$ 165,37 bilhões arrecadados com impostos sobre a propriedade, destaca-se o IPVA, que é o imposto que todos pagamos quando possuímos um veículo automotor que, juntamente com o IPTU, tem os trabalhadores como principais contribuintes. Enquanto isso, o Imposto Territorial Rural é de apenas R\$ 2,5 bilhões. Dá para ver que a grande propriedade no Brasil praticamente não paga impostos, que recaem, mais uma vez, sobre a classe trabalhadora e não sobre os ricos.

FONTE: TESOIROTRANSPARENTE.GOV.BR

SUPEREXPLORAÇÃO

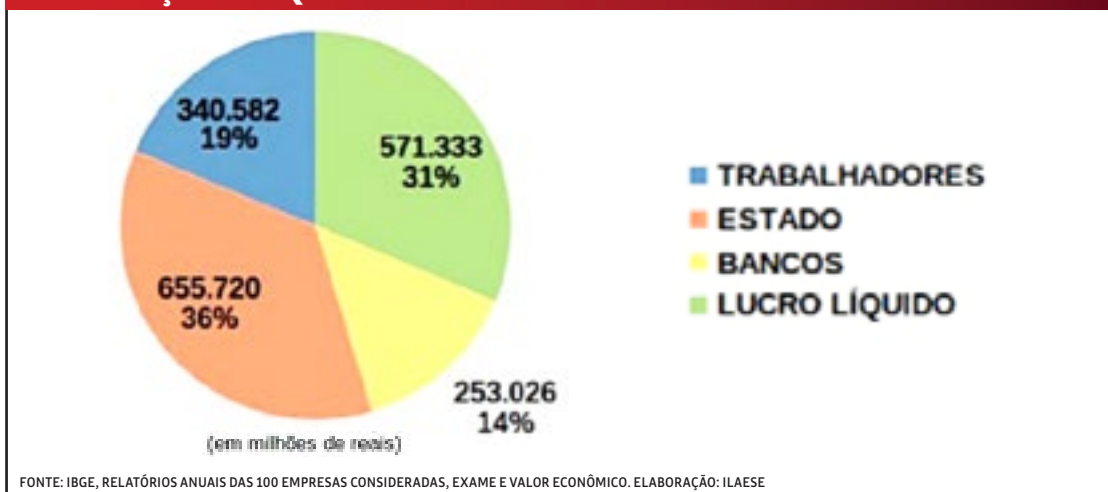
Classe operária é quem financia o Estado e os lucros dos patrões e dos bancos



A resposta para a questão sobre quem produz a riqueza é um “segredo” que já foi desvendado por Marx. Os operários trabalham muito mais do que o necessário para a sua sobrevivência e, portanto, são eles, na verdade, que sustentam o Estado e garantem os lucros dos patrões e dos bancos.

Um estudo realizado por Gustavo Machado do Ilaese (Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos) mostra que, no Brasil, considerando as 72 maiores empresas, no ano de 2021, os salários dos trabalhadores eram equivalentes a dois meses e sete dias de trabalho. Os demais dias do ano foram “trabalho de graça”

DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA NOS 72 DOS 100 MAIORES GRUPOS ECONÔMICOS DO PAÍS



para o patrão, para os bancos e para o Estado, na forma de impostos (veja o gráfico).

Como se isso não bastasse, os trabalhadores e trabalhadoras que recebem mais de 2 salários mínimos pagam Impos-

to de Renda, além dos tributos que são pagos sobre os bens e serviços que consomem.

Enquanto isso, uma minoria de bilionários, banqueiros, donos do agronegócio e da mineração, da indústria privada

da Saúde e da Educação, continuam sendo privilegiados. E a Reforma Tributária do governo Lula e do Congresso não veio para mudar essa lógica. Mas, pelo contrário. Veio para mantê-la e aprofundá-la.

RETROCESSO

Reforma Tributária recai sobre os trabalhadores e os mais pobres

Imposto único ou fusão de impostos não significam redução de carga tributária. O ICMS, por exemplo, hoje, é cobrado nos estados, com valores entre 17% e 18% de alíquota. Os municípios cobram ISS, entre 2% e 5%. Em vários casos, com a reforma, a cobrança, no imposto final, pode ficar superior à soma desses tributos existentes hoje.

O governo admite que o IVA, criado pela reforma, será de, no mínimo, 25%. O Instituto de Pesquisa Econômicas e Aplicadas (Ipea), em estudo recente, calcula que a alíquota

pode chegar a 28%. Além de ser o maior imposto dentre os países que adotam o IVA, ele será tanto maior quanto mais setores da burguesia se beneficiarem com as isenções.

Também já se sabe que alguns setores, como bancos, construtoras, planos de saúde, rede hoteleira, igrejas e aviação regional, terão regime específicos de tributação. Além disso, outros pagarão apenas 40% de imposto, como os serviços de Educação e Saúde, insumos agropecuários, que incluem os agrotóxicos. E, ainda, nenhum

imposto será cobrado para os serviços da Educação ligados ao PROUNI, dentre outros.

Obviamente, com tantas renúncias e desonerações (desobrigação de pagamento), para manter a carga tributária sobre o consumo, alguém vai ter que pagar a conta. Como a reforma não irá atingir os lucros dos grandes empresários, mesmo uma medida como zelar a taxa sobre produtos da cesta básica, apenas para a população de baixa renda, serão arcados pelo conjunto dos consumidores.

Hoje, por exemplo, já não são cobrados impostos federais sobre esses produtos e, sim, o ICMS, por estado. Então, serão, novamente, os trabalhadores que financiaram estes valores, também com uma alíquota alta

de Imposto sobre Bens e Serviços (IBS). Enquanto isto, os ricos não irão contribuir com coisa alguma.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3YON6CS](https://bit.ly/3YON6CS)

CONVERSA FIADA

E os jatinhos e lanchas dos barões serão taxados?

Uma única parte da reforma modifica os impostos sobre propriedade, o IPVA (Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores), que, agora, inclui veículos aquáticos e aéreos.

No entanto, foi aberta uma exceção para aeronaves agrícolas (incluindo as que espalham agrotóxicos no campo); embarcações de pessoas jurídicas que detenham outorga para prestar serviços de transporte aquaviário, ou de pessoa física ou jurídica que pratique pesca industrial, artesanal, científica ou de subsistência.

No fim das contas, tantas exceções servem justamente para que os proprietários não paguem imposto algum.

CONVERSA FIADA 2

E o novo imposto seletivo que vai taxar produtos prejudiciais à saúde e ao meio ambiente?

Na proposta aprovada, o governo vai acabar com o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e substituí-lo por um “imposto seletivo” que, em tese, seria taxado sobre todos os produtos que façam mal à saúde ou ao meio ambiente.

Aqui, só podemos falar em completa hipocrisia. Os maiores destruidores da natureza e da saúde humana, como a mineração e agronegócio, continuarão praticamente sem pagar impostos. E ninguém se refere a eles. Fala-se apenas em bebidas alcoólicas ou cigarros.

Primeiro, atualmente, os cigarros já são taxados em 300%, de forma diferenciada.

Além disso, o setor de bebidas já está se mobilizando para que sejam retirados da reforma, quando a votação for ao Senado. Então, a única coisa que é certa é que o fim do IPI só vai aliviar, mais uma vez, a carga tributária das empresas.

REVOLUCIONÁRIOS E O PARLAMENTO

Sobre a abstenção de alguns parlamentares do PSOL na Reforma Tributária

Abstenção da esquerda do PSOL mostra que não há quem pratique um parlamentarismo revolucionário no Brasil

MARIUCHA FONTANA,
DA REDAÇÃO

A maioria do PSOL votou a favor da Reforma Tributária, espalhando a “fake news” de que iria “taxar jatinho” e beneficiar os pobres (leia mais nas páginas centrais). Foram dez votos do PSOL pelo “sim” à reforma que ataca a classe trabalhadora.

Já outros três parlamentares do partido denunciaram a reforma; mas, ao invés de votarem contra, se abstiveram: o deputado do Rio de Janeiro, Glauber Braga (ex-PSB), e as deputadas Sâmia Bonfim, de São Paulo, e Fernanda Melchionna, do Rio Grande do Sul, da esquerda do PSOL (ambas da corrente “Movimento Esquerda Socialista”, o MES).

Em um vídeo, Glauber reconheceu que votar contra “seria o mais correto”, mas tentou se justificar, argumentando que isso seria se “diluir nos votos do bolsonarismo”, e que escolheu se abster para suscitar o “debate” sobre a reforma.

As deputadas do MES recorreram a argumentos semelhantes, sendo que Melchionna chegou a declarar que a abstenção seria “um alerta ao governo Lula”. Como se o próprio governo, autor da reforma, não soubesse que este é um projeto neoliberal, capitalista e pró-imperialista.

NÃO HÁ COMO SE “ABSTER” DIANTE DE UM ATAQUE À CLASSE TRABALHADORA

Mesmo que o bolsonarismo estivesse contra a reforma, o que não é caso, não é possível se abster diante de um ataque à classe trabalha-

dora. Essa posição, ao invés de desmascarar a reforma, o parlamento e o governo, engana a classe trabalhadora. Ao não ter uma atitude firme e coerente de independência de classe, joga quem é contra a reforma nos braços da extrema-direita.

Esse voto expressa uma posição de um setor que tenta se mostrar como independente, mas que se concretiza como uma espécie de apoio crítico desde fora. Acabam sendo, na prática, uma ala à esquerda do campo governista de conciliação de classes com a burguesia. Conformer um campo de independência de classe, de oposição de esquerda e socialista ao governo, e contra a ordem capitalista. Essa é a única localização que possibilita combater de forma coerente a extrema direita.

O PARLAMENTARISMO REVOLUCIONÁRIO

O que vimos na Câmara Federal nada tem a ver com a atuação revolucionária no parlamento.

O PSOL e sua direção majoritária, assim como o PT, não possuem nenhuma pretensão revolucionária. Contudo, o MES se reivindica socialista. Porém, a atuação dessa corrente no parlamento burguês não tem se pautado pela utilização dos mandatos para o desenvolvimento da auto-organização da classe trabalhadora e sua ação direta. Não atua para desmascarar o governo, as instituições do regime nem o sistema capitalista.

Um parlamentar revolucionário não atua no parlamento para aprovar reformas; e, sim, para ajudar a desmascarar o poder bur-



guês e possibilitar o avanço da consciência, da luta e da organização independente da classe trabalhadora. Atua para derrotar o sistema e a democracia dos ricos, sem deixar de defender as liberdades democráticas perante ataques da ultradireita.

OS ENSINAMENTOS DE LÊNIN, TROTSKY, LIEBCKNETCH

Lênin, Trotsky e Liebknecht (dirigente da Revolução Alemã, em 1919) não desprezavam a atuação revolucionária no parlamento. Em plena Revolução Espanhola (1936-39), Trotsky se enfrentou com os anarquistas e anarcosindicalistas, que não queriam disputar as eleições.

Na época, ele escreveu que “o cretinismo parlamentar é uma detestável enfermidade, mas o cretinismo antiparlamentar não vale muito mais”, ao defender a necessidade de ter parlamentares comunistas, para levantar a bandeira de luta

contra a burguesia, ajudar as massas a verem toda injustiça e a se levantarem para, em seguida, passarem por cima do mesmo parlamento. Isso era o que ele chamava de dialética do parlamentarismo revolucionário.

Hoje, no Brasil, temos um grande desgaste da institucionalidade, sem que exista um ascenso e uma auto-organização da classe à altura. Muito em função do papel que cumpriram (e ainda cumprem) os partidos institucionais, as organizações burocráticas do movimento e o próprio governo liberal e de colaboração de classes de Lula.

Nestas circunstâncias, um parlamentar revolucionário seria muito útil para ajudar a desmascarar e confrontar o projeto burguês e imperialista, para forjar um campo de independência de classe. E isto é o oposto do que fazem Glauber, Sâmia e Fernanda ao se posicionarem como abstencionistas e apoiadores de supostas medidas progressivas de um governo liberal de colaboração de classes.

Não é possível apoiar o que é bom e criticar o que é ruim, porque todas as medidas fazem parte de uma totalidade. Estão dentro de um mesmo pacote e a serviço de um projeto burguês e contrarrevolucionário.

PARLAMENTARISMO REFORMISTA REFORÇA A ORDEM

Glauber, as deputadas do MES e o restante da bancada do PSOL reforçam as ilusões no parlamento burguês, na democracia dos ricos e no campo de conciliação do governo Lula, dificultando a construção de uma alternativa independente da classe trabalhadora.

Nos dias de hoje, um parlamentarismo reformista favorece a manutenção da ordem. Um parlamentarismo revolucionário favoreceria o avanço da auto-organização dos trabalhadores e trabalhadoras contra o atual governo, o Estado burguês, a democracia dos ricos e a extrema direita.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Y1SEZ9](https://bit.ly/3Y1SEZ9)

59º CONGRESSO DA UNE

Um congresso burocrático e governista

MANDI COELHO, DO REBELDIA
JUVENTUDE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Encerrou-se o 59º Congresso da UNE (Conune). O que poderia ter sido um espaço fundamental de debate e articulação do movimento estudantil (ME) brasileiro foi um evento bastante burocratizado e governista, por conta da orientação dada pela direção da entidade, a União da Juventude Socialista (UJS/PCdoB) e o PT.

Durante o congresso, foram comuns atrasos nas refeições e falta de água, mesmo que cada estudante tenha pago uma taxa bastante cara. Nos espaços de debates, o tempo para intervir era restrito e a direção da entidade tentava controlar quais setores da oposição poderiam falar.

Estas medidas burocráticas tinham a função de manter a entidade a serviço do projeto político do PT, que é capitalista, aliado da burguesia, do Centrão e até mesmo de setores da direita.

DE BRAÇOS DADOS COM O GOVERNO E OS “TUBARÕES DO ENSINO”

O ápice do congresso foi uma atividade com a presença de Lula. Não foi um encontro destinado à negociação das pautas dos estudantes ou à entrega de reivindicações; mas, sim, uma recepção amigável daqueles que, hoje, são os principais defensores do Novo Ensino Médio.

A UNE estendeu o tapete vermelho para os que têm como aliados os “tubarões do ensino”, como a Fundação Lemann, os defensores do ensino superior privado e aqueles que aprovaram o Arcabouço Fiscal, que, a longo prazo, retira verbas da Educação.

A UNE convocou uma manifestação contra os juros altos, o que é importante, mas não combinou isto com a luta contra o Arcabouço. Como também não disse que o governo poderia ti-

rar Campos Neto da presidência do Banco Central e só não faz isto porque não quer ferir seus acordos com a burguesia.

A verdade é que a UNE não organizou a luta dos estudantes contra o Arcabouço de forma coerente, porque isto exigiria um enfrentamento com o governo que ela defende.

Além disso, ao ter garantido a presença de Luís Barroso, Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), e de Flávio Dino, Ministro da Justiça, a direção majoritária tentou fazer do Conune um espaço de apoio às instituições do Estado burguês.

Contudo, é um absurdo que o movimento estudantil fique a reboque do STF e do Ministério da Justiça, inclusive no que se refere à luta contra a extrema-direita e os bolsonaristas, confiando que estas instituições, que têm muito rabo preso e alimentam a direita ao defender o capitalismo, possam, de fato, derrotar o bolsonarismo.



Plenária do 59º Congresso da UNE / foto Maísa Mendes

A PRINCIPAL TAREFA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL É DERROTAR A UJS E O PT

O ME precisa ser independente do governo, lutar por seus direitos e se organizar junto com os trabalhadores, para enfrentar os ataques do governo e derrotar, de uma vez por todas, a extrema-di-

reita bolsonarista. No entanto, a direção majoritária da UNE fez de tudo para que o Conune caminhasse no sentido oposto. É por isso que dissemos: ou o ME derrota a direção majoritária, ou ficaremos de mãos atadas, reféns de um projeto de aliança com setores da burguesia.

REBELDIA NO CONUNE

Construir uma oposição de esquerda tanto na UNE quanto diante do governo Lula

O Rebellia participou do Conune chamando a construção de uma Oposição de Esquerda (OE), tanto na UNE quanto diante do governo Lula. Todas as resoluções que apresentamos e defendemos nos temas de Educação e Conjuntura foram neste mesmo sentido.

Também fizemos o chamado para que a UNE rompa com o governo e não participe mais do Conselho de Participação Social, conhecido como “Conselhão”, criado por Lula. Infelizmente, contudo, fomos a única organização que defendeu isso.

A CRISE NA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA

A OE vive um momento de fragmentação e crise, em vários sentidos. O que poderia ter sido a construção de uma unidade, para impor uma derrota à direção ma-

yoritária, virou um apanhado de organizações, sem pauta unitária mínima, que apenas girou em torno da disputa por cargos.

É por isso que dificilmente é possível construir algo conjunto no campo da OE. E quando se tenta algo neste sentido, o resultado se transforma apenas em acordos despolitizados, que não enfrentam, a fundo, a política da direção majoritária.

A razão para isso é que há um limite programático na OE, uma vez que todas as organizações (algumas mais, outras menos) capitulam, de formas diferentes, diante do governo Lula.

CAMINHANDO AO LADO DA DIREÇÃO MAJORITÁRIA

A “Juventude Sem Medo” (composta por organizações como Afronte, RUA, Fogo no Pavio, Ma-

nifesta e Travessia) está pavimentando o caminho para compor a direção majoritária.

Optaram por lançar uma chapa própria para a diretoria da UNE, mas não por terem críticas progressivas à OE; e, sim, por terem tido a tentação de se aliar ao setor majoritário. Debateram e colocaram essa possibilidade até o último segundo. Tanto é assim, que defenderam a resolução de conjuntura juntamente com a UJS e o PT.

Os companheiros e companheiras deste setor dizem que sua postura tem a ver com a necessidade de hierarquizar a luta a partir do combate contra a extrema-direita. Mas isso é falso, porque não se combate a ultradireita endossando a perspectiva de um país capitalista, como é defendido pela di-



Bancada do Rebellia no Conune / foto Maísa Mendes

reção majoritária. Na verdade, é este tipo de postura que abre terreno para a extrema-direita proliferar.

Por isso, consideramos a postura da “Juventude Sem Medo” um erro gravíssimo. É uma tremenda capitulação. Não apenas à UJS. Também é um passo rumo a se tornarem um setor mais abertamente governista.

DIFERENTES NÍVEIS DE CAPITULAÇÃO AO GOVERNO

Os maiores setores da oposição, como Correnteza (União Popular) e União da Juventude Comunista (UJC/PCB), têm uma postura de despolitização. O Correnteza sequer cita o governo Lula. Tem uma política limitadíssima, que poderíamos chamar de “economicista”; ou

seja, restrita aos problemas específicos da universidade ou da UNE, sem conectar isso com os grandes temas e às exigências em relação ao governo.

Enquanto isto, a UJC até fala do governo, mas não alerta os estudantes de que ele é o agente real, que leva adiante todos ataques. Uma das principais tarefas dos estudantes é exigir que a UNE rompa com o governo. E, por isso, colocar como centro da política qualquer coisa que não aponte neste sentido é uma capitulação à direção majoritária.

Já o “Juntos”, em que pese que faça críticas aos ataques e fale da independência do movimento estudantil, faz isso com muitos limites e capitulando a uma visão de que o governo estaria “em disputa”.

Por isso, não chamam a construção de uma oposição de esquerda ao governo. Inclusive, continuam no PSOL, que faz parte da base de apoio ao governo. Como organizar os estudantes para lutar contra um governo sendo parte da sustentação política desse mesmíssimo governo?

Todos estes setores polemizaram com nossa posição, criticando o chamado que fizemos para que a UNE rompa com o governo ou para que construamos uma oposição de esquerda. Por isso, repetimos, aqui, uma frase que tivemos que repetir muitas vezes durante o congresso: “Companheiros e companheiras, só há duas posições possíveis: ou se apoia o governo ou se faz oposição a ele”.



Nós, do Rebeldia, somos oposição de esquerda, justamente para nos diferenciar da oposição bolsonarista. Mas não se posicionar sobre isso significa dar a entender que se é parte daqueles

que apoiam o governo burguês e capitalista de Lula. O ME tem que ser independente, mas isso só pode ser efetivado se nos localizarmos, também, como uma oposição de esquerda ao governo.

PRÓXIMOS PASSOS

Reconstruir a Oposição de Esquerda com uma tarefa: derrotar a UJS e o PT

O Rebeldia defendeu uma resolução sobre o movimento estudantil, juntamente com setores da OE, num esforço para pressionar pela unidade daqueles que querem derrotar a UJS.

Apresentamos uma chapa própria para a direção da UNE, haja visto, inclusive, que, diante de tamanha crise, estava colocada a possibilidade de não haver uma chapa unitária da oposição. Depois da ruptura da “Juventude Sem Medo”, e havendo uma chapa de oposição unificada, optamos por fazer nossa defesa no palco, retirando nossa chapa e chamando o voto na OE.

Temos muitas diferenças, políticas e ideológicas, com os setores da oposição de esquerda. Inclusive, consideramos que, dentro da OE, todos capitulam ao governismo. Temos mais diferenças ainda com aqueles setores que embelezam o stalinismo, que é o promotor de burocratizações aos moldes da UJS.

Dentre os setores deste tronco político, há pouquíssima diferença em relação aos métodos utilizados para a condução das coisas. Contudo, taticamente, é muito importante construirmos essa “frente”, tendo apenas uma tarefa comum: derrotar a UJS, o PT e a direção

majoritária da entidade estudantil.

Partindo deste objetivo comum, e fortalecendo a luta por essa mudança, independentemente dos limites de cada setor, seria possível dar um grande passo para que o movimento estudantil se desvincilhasse dos que são, hoje, os responsáveis por suas maiores limitações. E isto não impede que nós seguissemos polemizando e apresentando nossas diferenças com os setores da OE.

ROUPAGEM REVOLUCIONÁRIA, CONTEÚDO OPORTUNISTA

Hoje, há no ME algumas organizações que, acertadamente, criticam o PSOL e sua capitulação ao PT, mas não enfrentam de maneira coerente a política petista. E confundem o que é tático com o que é estratégico.

O Faísca, dirigido pelo Modo Movimento Revolucionário dos Trabalhadores (MRT), capitula ao governo ao não denunciar a presença do Lula com o mesmo peso que fez em relação ao Ministro Barroso.

Também chamaram uma manifestação contra o Arcabouço e o Novo Ensino Médio, mas não deram uma batalha coerente pela ruptura da UNE com o governo,



nem chamaram a construção da oposição de esquerda ao governo. E quando levantam o tema de 2016, parece que querem ser mais defensores do PT do que os próprios petistas.

Há, ainda, aqueles que nos criticaram pela tática de votar na OE e que defendiam uma chapa sem o PSOL. Temos críticas ao PSOL, como já demonstramos, mas ali se tratava de demarcar um campo unitário de oposição, apesar das diferenças.

E, ainda que fossemos fazer uma frente apenas com quem fosse contra o governo, haveria limites, porque mesmo quem tem

criticado o PSOL não apresentou uma política coerente, que desse a batalha, de conteúdo, contra o governo e pela ruptura da UNE com o Planalto.

DERROTAR A DIREÇÃO MAJORITÁRIA PARA ORGANIZAR A LUTA ESTUDANTIL

Aqueles que se dão a tarefa de lutar contra o governismo no movimento estudantil precisam dialogar com os milhares de estudantes que acreditam na velha oposição de esquerda. Eles receberam milhares de votos daqueles e daquelas que veem neles

uma alternativa à velha direção da UJS e PT.

Nós, que criticamos a capitulação do PSOL ao governo, éramos poucos. Para que possamos aumentar nossas forças é preciso saber fazer uma política que desmascare a UJS e o PT, que enfrente o governismo e debata francamente os limites da OE. Mas que, também, ao mesmo tempo, estabeleça bases para a construção de uma oposição de esquerda alternativa à direção majoritária, com apenas esta tarefa: derrotar a “majoritária” da UNE, para avançar na organização dos estudantes.

REVOLUCIONÁRIO E REBELDE

Zé Celso, o maior nome da dramaturgia nacional

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

O teatro brasileiro perdeu um dos seus mais importantes filhos. José Celso Martínez Corrêa, o Zé Celso, nos deixou, aos 86 anos, no dia 6 de julho. Ele estava internado depois de ter tido 53% de seu corpo queimado em um incêndio, causado por um aquecedor elétrico, que destruiu seu apartamento.

“Você é uma força sagrada da nossa resistência criativa”, disse a atriz Fernanda Montenegro sobre Zé Celso, um dia antes de sua morte, em suas redes sociais. Assim como ela, o Brasil torcia pela recuperação da saúde do dramaturgo. Infelizmente, Zé não resistiu.

REBELDIA NOS PALCOS

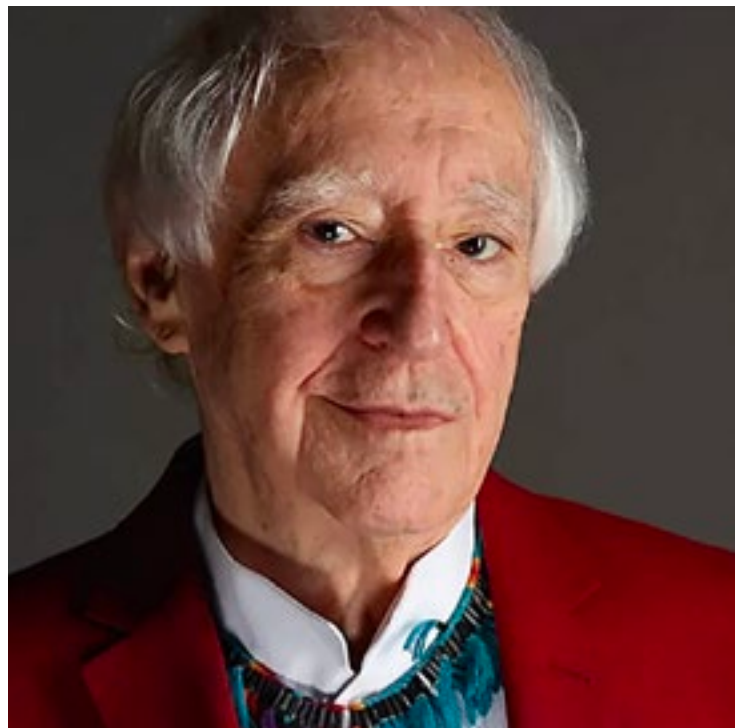
Zé Celso era um revolucionário rebelde. Fez do teatro uma ferramenta de luta contra a ditadura militar e satirizava “a moral e o bons costumes” da sociedade capitalista.

Foi nesse embate que revolucionou o teatro brasileiro, construiu um estilo próprio de atuação, foi mestre de grandes atrizes e atores e tornou-se o principal tradutor do Tropicalismo para os palcos.

Nos anos de 1960, ao lado de Renato Borghi, Fauzi Arap, Ety Fraser, Amir Haddad e Ronaldo Daniel, participou da fundação do Teatro Oficina, espaço cultural que se tornou símbolo do teatro brasileiro.

Em 1967, o Oficina ganhou destaque com a histórica montagem de “O Rei da Vela”, baseada no livro de mesmo nome escrito, em 1933, por Oswald de Andrade. Uma sátira que afrontava a ditadura militar e o comportamento subserviente do Brasil ao imperialismo e seu mundo “desenvolvido”.

Na peça, sob sua direção resgatava o conceito de Antropofagia, concebido pelos Modernistas, nos anos 1920, e que pode ser sintetizado pela ideia



de que, por sermos um país de tradição colonial e de multiplicidade étnico-racial, nossa cultura e artes devem brotar de um ato semelhante ao do canibalismo indígena: nos alimentarmos do que nos cerca para criar algo novo e multifacetado. Dessa forma, rompeu com o modelo de teatro europeu, dominante no país, e inaugurou um novo modelo de atuação nos palcos.

Suas peças eram uma espécie de ‘tapa na cara’ do moralismo conservador. Por exemplo, fazia uso da nudez e sempre pautava a doutrina das coisas que devem acontecer no fim do mundo. Transgressão, adjetivo que podemos usar com tranquilidade. Ele agredia a ordem vigente, elemento que se tornou constitutivo da poética do Oficina.

UM GRITO CONTRA A DITADURA

Em 1968, voltou a peitar os militares ao estrear, no Rio de Janeiro, a peça “Roda Viva”, baseada na composição de Chico Buarque. Com a grande Marília Pêra e Antônio Pedro nos papéis principais, o espetáculo criticava a sociedade de consumo no drama de um cantor que decide mudar de nome, manipulado pelos desígnios da indústria cultural.

O Ato Institucional nº5, o AI-5, já estava em vigor. Aumentou a perseguição e a censura aos artistas. Durante a exibição de “Roda Viva” em São Paulo, os militares e seus apoiadores invadiram o Teatro Ruth Escobar, agrediram os artistas e destruíram o cenário. A peça foi censurada após uma apresentação em Porto Alegre (RS).

Em 1974, Zé Celso foi preso numa solitária e torturado pelos ditadores. Depois disto, se exilou em Portugal. Lá, ele seguiu atuando e montou o espetáculo “Galileu Galilei”, baseado na teoria do dramaturgo alemão Bertold Brecht. No mesmo período,

produziu dois documentários: “O Parto”, sobre a Revolução dos Cravos, e “Vinte e Cinco”, sobre a luta pela independência em Moçambique.

Em 2010, Zé Celso foi anistiado pelo Estado brasileiro, recebendo também uma indenização de R\$ 570 mil.

ADEUS AO MESTRE!

Fernanda Montenegro, Marieta Severo, Zezé Motta, Marília Pêra, Othon Bastos, Ety Fraser, Dina Staf, Bete Coelho, Augusto Boal e uma lista gigante que ocuparia muitos parágrafos neste texto foram dirigidos por Zé Celso.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DTKMB](https://bit.ly/3DTKMB)

Afirmar que ele é o maior nome da dramaturgia nacional não é exagero. O teatro brasileiro sofre um grande golpe com a sua morte, mas segue em pé, vivo e atuante pelos diversos filhos de palco que Zé Celso criou, educou e lapidou para a vida artística.

Nos despedimos do talento, da garra e da ousadia do menino nascido em Araraquara, no interior de São Paulo, em 1937, que estudou para ser advogado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas que fez do palco do teatro seu púlpito de oratória.

Seu maior legado, o “Oficina”, por onde passaram gerações de gente genial (não só de atores, mas também de cenógrafos, iluminadores, figurinistas etc. etc.), é mais do que aquele “templo sagrado” encravado no bairro paulistano do Bixiga pelo qual ele tanto lutou. É um espaço vivo, de celebração da Arte.

Zé Celso deixa o marido, Marcelo Drummond, ator do Oficina, com quem viveu durante 37 anos. Eles casaram no mês passado, na sede do teatro, acrescentando um capítulo em sua longa história de luta pelos direitos LGBTI+. Deixa milhares de fãs e admiradores de sua arte. Deixa o teatro brasileiro em luto, sem abandonar a luta.

HOMENAGEM

Dirceu Travesso, o Didi, foi homenageado no “Dia da Luta Operária”



DA REDAÇÃO

Dirceu Travesso, o Didi, militante histórico do PSTU, recebeu uma homenagem no “Dia da Luta Operária” (9 de julho), em São Paulo (SP), juntamente com outras cinco personalidades com histórias de vida ligadas à defesa das causas sociais e do movimento operário brasileiro: Ana Dias, João Felício, José Ibrahim, Oswaldo Barros e Sérgio Gomes. Foram entregues placas em agradecimento pela dedicação à luta dos trabalhadores e ao fortalecimento do movimento sindical.

A militância do PSTU, a companheira de Didi, Marta Carvalho, e os filhos Pedro e Karol Travesso participaram da condecoração, uniformizados com uma camisa em homenagem ao Didi.

UMA VIDA DEDICADA À CLASSE OPERÁRIA E À REVOLUÇÃO SOCIALISTA INTERNACIONAL

“Queremos agradecer a homenagem ao meu pai e aos demais, neste momento para destacar e celebrar a vida destes companheiros e suas contribuições. Contribuições que foram feitas como pai, como marido, como amigo e como militante sindical”, afirmou Pedro Travesso em seu discurso.

Pedro também destacou a dedicação de Didi à luta da classe trabalhadora e à construção do partido revolucionário: “Meu pai teve uma vida dedicada à luta dos trabalhadores. Uma luta que começou contra a ditadura militar, quando ele ainda era jovem e estava na faculdade. Durante toda a sua vida, ele ajudou a construir o PSTU, a Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), a CSP-Conlutas e a Rede Internacional de Solidariedade e Lutas”.

E, completou: “Ele foi um sindicalista, socialista e revolucionário. Um corintiano roxo, um traço definidor de sua personalidade. As lutas que ele lutou, as ideias que ele defendeu,



eram coletivas. Não cabem na vida de uma pessoa só, no tempo de vida de uma pessoa só. A luta dele continua viva”.

Luis Carlos Prates, o Mancha, militante do PSTU, discursou em nome da CSP-Conlutas, uma das centrais organizadoras do evento.

“Didi dedicou toda a sua vida à luta da classe trabalhadora. Começou combatendo a ditadura militar, quando era um jovem estudante na Universidade Federal de São Carlos. Foi diretor do DCE, dirigiu passeatas e manifestações. Depois passou por fábricas e, em seguida, foi bancário”, lembrou Mancha.

“Quando ficou doente, lutou incansavelmente contra o câncer. Ele tinha muita força, muita garra, o que fez dele uma liderança internacional, na construção da Rede Internacional de Solidariedade e Lutas. Em sua morte, recebeu homenagens de diversos lugares do mundo”, acrescentou o dirigente da CSP-Conlutas.

TROFÉU JOSÉ MARTINS

O troféu homenageia o sapateiro anarco-sindicalista José Martinez que, há 106 anos, no dia 9 de julho de 1917, foi baleado e morto por soldados da antiga Força Pública, durante a paralisação que tomou conta de várias empresas em São Paulo e que é considerada a primeira greve geral do Brasil.

A iniciativa partiu de várias centrais sindicais, como CSP-Conlutas, Intersindical Central da Classe Trabalhadora, CSB, CTB, CUT, UGT, Força Sindical, NCST, Pública e Intersindical Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora. O Centro de Memória Sindical, o Instituto Astrojildo Pereira e o Intercâmbio Informações Estudos Pesquisas (IIEP) também são organizadores ativos da iniciativa.

O Dia da Luta Operária foi instituído por uma lei municipal (nº 16.634/17), de autoria do então vereador Antônio Do-



nato (PT-SP), atual deputado estadual, com intuito de manter viva a história operária.

DIDI, NUNCA TE ESQUECEREMOS!

Didi faleceu no dia 16 de setembro de 2014, vítima de um câncer. Era um camarada socialista, revolucionário e internacionalista extraordinário. Quem teve o privilégio de atuar ao lado dele sabe que não estamos proferindo clichês ou palavras em vão.

Didi era um camarada de muita coragem, de muita convicção e de grande capacidade política, tanto para formulações estratégicas quanto táticas. Uma liderança de importantes lutas, as quais ele conduzia com muita firmeza. Dotado de uma mente inquieta, estava sempre pensando na possibilidade da revolução e do socialismo.

Construiu o partido revolucionário no Brasil e no mundo, com alegria, iniciativa, intervenção nas lutas cotidianas ou rebeliões. E, também, sabia fazer muita propaganda. Era um grande amigo e companheiro em todas demais dimensões da vida, nas festas, no futebol, nas comemorações.

Sabia fazer sindicalismo, mas não era apenas sindicalista. Era revolucionário e socialista.

Claro! Era humano. Tinha seus defeitos e erros, como todo mundo, e sabia disso. Mas, também tinha uma grande generosidade, enorme capacidade de autocritica e uma moral revolucionária inatacável. Os setores oprimidos tinham em Didi um aliado permanente, e, quando ele mesmo pisava na bola, reconhecia.

Didi dedicou toda a sua vida a um projeto coletivo. Quantos que dedicam suas vidas a comprar coisas, conseguir cargos, podem olhar para trás, ao se aproximarem da morte, e sentir orgulho do que fizeram? Didi pode, e isso lhe dava a serenidade e a coragem com que encarou a sentença de morte.

Construiu o PSTU, a LIT-QI, a CSP-Conlutas e a Rede Internacional de Solidariedade e Lutas. Ao ser parte dessa luta coletiva, tinha também a consciência de que não viveu em vão.

Didi, sempre presente! Nunca te esqueceremos!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/4795HW6](https://bit.ly/4795HW6)



Editora Sundermann chega aos 20 anos com mais de 140 títulos publicados

Catálogo inclui clássicos do marxismo e obras inéditas de intelectuais marxistas



JORGE BREOGAN E LUCIANA CANDIDO,
DO CONSELHO EDITORIAL DA SUNDERMANN

Em 2023, a Editora Sundermann comemora vinte anos. Comemoramos nosso projeto político-editorial pautado no combate cotidiano aos stalinistas, falsificadores da história da luta da classe trabalhadora.

Ao longo dessas duas décadas, a editora se consolidou como uma das mais longeva no mundo dentro de seu perfil trotskista. É a editora que mais publica as obras do revolucionário argentino Nahuel Moreno e do revolucionário russo León Trotsky em língua portuguesa.

São mais de quinze títulos de Trotsky já publicados, e os leitores podem aguardar novidades deste autor no próximo período. Aonde vai à Inglaterra?, inédito em português, está sendo editado e deve ser lançado em 2024. Além disso, ainda este ano, a editora vai relançar Stálin, o grande organizador de derrotas, A revolução traída, Teoria da revolução permanente e Em defesa do marxismo.

O PAPEL ESTRATÉGICO DA EDITORA NO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

A prática política é inseparável da teoria revolucionária. O partido revolucionário

não é um grupo de intelectuais que se debruça de forma abstrata sobre a teoria marxista, mas também não é um mero agrupamento de pessoas que lutam com bravura pelas conquistas econômicas e imediatas da classe trabalhadora e da população explorada. É sobretudo um instrumento de luta pelo poder.

Não se pode vencer o inimigo sem o conhecer, ou seja, não se pode lutar contra a burguesia sem saber, a fundo, como ela exerce seu poder econômico e político, tarefa para a qual o marxismo se mostrou o instrumento mais capaz até hoje.

A burguesia se organiza em nível mundial e sobrevive graças às forças armadas dos países que controla e de governos subservientes dos países periféricos do capitalismo.

A toda essa força, devemos opor uma organização internacional, um exército de revolucionários munidos das ferramentas necessárias, que vá para a ação disposto a disputar corações e mentes das massas trabalhadoras. Uma dessas ferramentas é, sem dúvida, a teoria, que nos permite entender a realidade em que atuamos e suas contradições.

Entendemos que o papel da editora não se resume

a publicar e vender livros. Nossa linha editorial é uma arma ideológica para disputarmos a consciência das massas, elevarmos nosso nível teórico e político e, assim, fortalecer o partido.

No dia a dia, precisamos cada vez mais nos dedicarmos às leituras teóricas, pois escutar com atenção debates, falas políticas e discussões acaloradas sem entender as polêmicas faz com que as dúvidas passem despercebidas, e os questionamentos teóricos fiquem para depois.

Diariamente somos bombardeados com a ideologia burguesa e reformista. Sofremos ataques políticos e às vezes os entendemos de maneira superficial. Ao não nos dedicarmos à leitura teórica e ao estudo diário, colocamos em risco o próprio marxismo, que sofre com o revisionismo e com distorções teóricas para justificar grandes traições à classe trabalhadora.

Ao nos fortalecermos no plano teórico, nos fortalecemos como militantes, melhoramos nossa agitação e nossa propaganda e avançamos rumo à solidificação do programa revolucionário. Nossos objetivos vão além de melhorias nas universidades e na relação trabalhador-patrão. Almejamos uma transformação econômica e social.

VAMOS CELEBRAR!

Para marcar nossos vinte anos, estamos lançando a coleção Havia alternativa ao Stalinismo?, do historiador e sociólogo marxista russo Vadim Rogóvin. Trata-se de uma obra rara, composta de sete tomos, inédita em língua portuguesa. Foi traduzida do original russo e é um dos mais completos estudos sobre a URSS.

Nesta obra, o autor se debruçou principalmente sobre os arquivos secretos da ex-URSS, abertos a partir da década de 1980: documentos estenografados de reuniões, congressos e conferências, material da imprensa e até correspondência pessoal, além do Boletim da Oposição, publicado de forma clandestina no exterior entre 1929 e 1941.

No campo do combate às opressões, acabamos de lançar

O marxismo e as opressões – Teses sobre opressões (LIT-QI), organizado pela jornalista responsável do Opinião Socialista, Mariúcha Fontana. Sobre a luta das mulheres trabalhadoras, vamos lançar em agosto Feita por elas, narrada por elas: a greve das operárias terceirizadas da LG, de Ana Paula Santana Souza e Érika Andreassy.

No terreno da luta de classes internacional, publicamos o livro Hong Kong em revolta: a batalha nas ruas e o futuro da China, de Au Loong-Yu, ativista e autor marxista hongkonense, exilado no Reino Unido.

Na literatura, lançamos o livro Çem Poesias, de Tadeu Melo, com o qual estamos concorrendo ao Prêmio Jabuti de 2023.

LEIA NO SITE:
[TPS://BIT.LY/45B057T](https://bit.ly/45B057T)

Novo Portal

Sundermann mais fácil para você!



Em junho, foi ao ar o novo site da editora, mais funcional e moderno, para atender às necessidades de nossos leitores. Com ele, lançamos o novo selo em comemoração aos 20 anos. Além disso, finalmente a Sundermann está entrando de vez no mundo dos e-books. Em breve você poderá ter nossos títulos no seu dispositivo de leitura.

www.editorasundermann.com.br

